



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

DAVID FILIPE NASCIMENTO DA SILVA

**QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DE
DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA: UMA
ANÁLISE DE SUAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS**

Recife
2024

DAVID FILIPE NASCIMENTO DA SILVA

**QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DE
DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA: UMA
ANÁLISE DE SUAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS**

Monografia apresentada a coordenação do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado (a) em Química.

Orientadora: Profa. Dra. Ruth do Nascimento Firme

Recife

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

S586q Silva, David Filipe Nascimento da.

Questões de gênero e sexualidade nas experiências de discentes do curso de licenciatura em química: uma análise de suas narrativas (auto)biográficas / David Filipe Nascimento da Silva. – Recife, 2024.

51 f.; il.

Orientador(a): Ruth do Nascimento Firme. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Química, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências e anexo(s).

1. Estudantes universitários. 2. Identidade de gênero. 3. Professores de química - Atitudes. 4. Educação sexual - Estudo e ensino 5. Identidade social. I. Firme, Ruth do Nascimento, orient. II. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

DAVID FILIPE NASCIMENTO DA SILVA

**QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DE
DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA: UMA
ANÁLISE DE SUAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS**

Aprovado em: 19 de setembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof(a). Dra. RUTH DO NASCIMENTO FIRME – orientadora
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof(a) Dra. SUELY ALVES DA SILVA – 1º avaliador (a)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. ROBERTO CARLOS SILVA DOS SANTOS – 2º avaliador (a)
Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco

Dedico este trabalho à minha família, pelos momentos de ausência, em especial a minha mãe por sempre incentivar e por fazer de tudo para que eu conseguisse realizar este sonho.

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas de que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Gostaria de deixar registrado, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio. A minha mãe Maria Angela que é a pessoa mais especial e que sem ela e todo seu apoio não conseguiria, ao meu companheiro Edson Rodrigues que entendeu minha ausência e esteve do meu lado apoiando, e a minha irmã Beatriz Silva e ao meu irmão Fernando Silva por todo apoio. Vocês são muito importantes para mim.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Ruth do Nascimento Firme, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória, por todo apoio, ensinamento e dedicação que teve durante todo o processo de escrita.

Aos meus amigos Giovanna Abreu que compartilhou todo o curso, escolhendo várias cadeiras juntos e que me trouxe leveza e força em vários momentos difíceis, Allan Alves e Ariadne Souza pela amizade construída e por compartilharem essa trajetória, por tantos momentos de aprendizado e crescimento, vocês três são os presentes especiais que a rural me proporcionou.

Aos meus amigos Mickaelle Regina, Herberty Freire, Maycon Assis e Deangeles Silva que incentivaram e entenderam minha ausência durante este processo de formação.

A Secretaria do Curso, pela cooperação.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“A inclusão acontece quando se aprende com
as diferenças e não com as igualdades.”
(Paulo Freire)

RESUMO

As questões sobre gênero e sexualidade, geralmente, não são discussões recorrentes no ensino de Química e na formação inicial de professores de Química. Entretanto, considera-se a necessidade da formação dos futuros professores de Química para lidar com a diversidade presente nas salas de aula. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa foi compreender, por meio das narrativas (auto) biográficas de discentes da Licenciatura em Química, suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico. A pesquisa foi qualitativa e contou com participação de sete discentes do curso de Licenciatura em Química, matriculados nos componentes curriculares Estágio Supervisionado Obrigatório III e Estágio Supervisionado Obrigatório IV de uma universidade pública federal. O instrumento de pesquisa foram as narrativas (auto)biográficas escritas pelos discentes, obtidas por meio de um questionário de questão única, elaborado na plataforma *Google Forms*. Para as análises das narrativas (auto)biográficas, foram consideradas categorias analíticas à *posteriori*. Os resultados das análises, relativos às experiências dos discentes sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico relatados em suas narrativas (auto) biográficas, indicaram: a ausência da discussão sobre questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico; o não saber agir, intolerância e/ou preconceito diante de questões de gênero e sexualidade por estudantes/professores no âmbito escolar e/ou acadêmico; o desrespeito e bullying diante de questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico; o respeito diante das questões de gênero e sexualidade no âmbito acadêmico; contribuições de disciplinas/programas no âmbito escolar e/ou acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade; o saber agir diante de questões de gênero e sexualidade na minha prática docente; e o como inserir questões de gênero e sexualidade no ensino de Química. Portanto, esta pesquisa pode contribuir com as discussões sobre questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química, uma vez que trouxe as experiências vivenciadas por discentes e evidenciou, a partir de seus resultados, o quanto a ausência destas questões na formação profissional pode dificultar a educação inclusiva.

Palavras-chave: Discentes. Gênero. Narrativas (auto) biográficas. Química. Sexualidade.

ABSTRACT

Issues of gender and sexuality are generally not recurring topics in Chemistry education and the initial training of Chemistry teachers. However, there is a recognized need for future Chemistry teachers to be prepared to address the diversity present in classrooms. In this context, the aim of this research was to understand, through the (auto)biographical narratives of undergraduate Chemistry students, their experiences regarding gender and sexuality in the school/academic context. The research was qualitative and involved the participation of seven undergraduate students enrolled in the Mandatory Supervised Internship III and Mandatory Supervised Internship IV at a federal public university. The research instrument was the (auto)biographical narratives written by the students, obtained through a single-question questionnaire created on the Google Forms platform. For the analysis of the (auto)biographical narratives, analytical categories were considered a posteriori. The results of the analyses concerning the students' experiences with gender and sexuality issues in the school/academic context, as reported in their (auto)biographical narratives, indicated: the absence of discussion on gender and sexuality issues within the school and/or academic environment; uncertainty on how to act, intolerance, and/or prejudice by students/teachers regarding gender and sexuality issues in the school and/or academic setting; disrespect and bullying related to gender and sexuality issues in the school and/or academic environment; respect for gender and sexuality issues within the academic context; contributions of courses/programs regarding gender and sexuality issues in the school and/or academic environment; knowledge of how to act on gender and sexuality issues in my teaching practice; and ways to integrate gender and sexuality issues into Chemistry education. Therefore, this research can contribute to discussions about gender and sexuality issues in the initial training of Chemistry teachers, as it presents the experiences of students and highlights how the absence of these issues in professional training can hinder inclusive education.

Keywords: Student, Gender, (Auto)biographical Narratives, Chemistry, Sexuality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNC	Base Nacional Comum
CNE	Conselho Nacional de Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
IES	Instituição de Ensino Superior

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Formação Inicial de Professores de Química	19
2.2 Gênero e Sexualidade na Formação Inicial de Professores de Química	21
2.3 Narrativas Autobiográficas como Instrumento de Formação Docente Sobre Questões de Gênero e Sexualidade	26
3 METODOLOGIA	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	41
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	47
ANEXO B – TRANSCRIÇÕES DAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DOS DISCENTES COPIADAS INTEGRALMENTE DOS FORMULÁRIOS (GOOGLE FORMS)	48

APRESENTAÇÃO

Era uma vez... Durante meu período escolar passei por algumas situações de bullying quanto a minha voz e meus jeitos considerados não masculinos para a época, as situações ocorriam nos corredores, durante as aulas, durante os intervalos, todas as violências sofridas foram verbais e isso foi me deixando cada vez mais tímido e reduzindo toda a troca e aprendizagem que poderiam existir no ambiente escolar.

Na escola em questão não tinham nenhuma ação dos professores ou gestores que abordassem discussões sobre gênero, sexualidade e até mesmo bullying. Isso fez com que eu quisesse trocar de escola quando fui para o ensino médio, nessa nova escola tive a oportunidade de poder conviver com pessoas sem sofrer bullying e foi nessa escola que me descobri como homem Cis gay, mas infelizmente ainda que sendo um ambiente menos violento, presenciei situações de homofobia com outras pessoas e não haviam discussões sobre a temática. Nas aulas de química sempre abordavam os cientistas masculinos europeus e diante de algumas piadas que existiam nas aulas entre os discentes, os professores fingiam não ouvir para não ter que entrar nas discussões. Acredito que parte disso era despreparo, mas também tinham pessoas que concordavam com aqueles comentários.

Hoje como discente do curso de licenciatura em química já presenciei erros de pronomes na universidade, e infelizmente o curso não prepara os futuros professores para situações de conflito e para o como abordar as questões de gênero e sexualidade a partir dos conteúdos de química.

Durante todo o curso só presenciei discussões sobre a temática em uma disciplina optativa e pontualmente no debate de Estágio Supervisionado Obrigatório II. Pouca se prepara os discentes para abordagens mais humanas.

Diante disto, escolhi abordar como tema de minha monografia as questões de gênero e sexualidade na perspectiva de compreender as experiências de discentes do curso de Licenciatura em Química sobre tais questões. Assim, concordei em fazê-lo por meio das narrativas autobiográficas.

Assim, com a pesquisa desenvolvida identifiquei possibilidades para discussões tais como: Como estamos sendo preparados para estas discussões? Como a estrutura do curso de licenciatura em química pode mudar está realidade identificada nas narrativas?

É através de pesquisas como essa que possibilitamos diálogos e mudanças diante dos resultados encontrados, quanto mais pessoas mostrando a importância, mas mudanças acontecem.

Realizar esta pesquisa em algumas situações foi difícil, os discentes não estavam abertos a participarem, muitas vezes por achar que essa discussão não é relevante, já que a estrutura do curso não inclui nas disciplinas obrigatórias discussões sobre gênero e sexualidade. Alguns discentes diziam que iriam responder o questionário e não responderam.

Mas é prazeroso quando vejo as pessoas que participaram da pesquisa narrando suas histórias e acreditando que através das discussões temos a oportunidade de mudanças. É gratificante saber que estou contribuindo para aumentar os diálogos sobre algo que já me feriu e que machuca tantas pessoas diariamente e que podemos levar as pessoas a pensarem sobre a abordagem sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química e no ensino de química.

1 INTRODUÇÃO

A educação é considerada desde o seu surgimento um fenômeno social relacionado ao contexto político, econômico, cultural e científico de uma sociedade e, nesta perspectiva, entende-se o ato de educar não é o mesmo em todos os tempos e lugares (Dias; Pinto, 2019).

Nesse contexto, considerando que o ato de educar acompanha as mudanças sociais, as abordagens voltadas para temas que permeiam a sociedade precisam fazer parte do processo educativo. Em outras palavras, abordagens de temas que permeiam as dimensões individual e social dos estudantes.

Diante da diversidade de temas sociais, este trabalho monográfico volta-se para o tema gênero e sexualidade. A escolha deste tema tem relação com as minhas experiências de vida como homem cis gay e como visualizo a necessidade da formação de professores de Química, em especial, da formação inicial, para as discussões de gênero e sexualidade.

Além disso, no âmbito da formação inicial de professores de Química, questões de gênero e sexualidade ainda são temas pouco abordados e explorados (Marin, 2019).

Os projetos de leis, por exemplo, com objetivo de inviabilizar e criminalizar profissionais da educação que desenvolvam atividades que abordem questões de gênero e sexualidade de forma crítica, excluem as discussões de desigualdade de gênero, desigualdade sexual e combate ao preconceito (Marin, 2019). Entre os Projetos de Lei temos o (PL) 867 de 2015, do Deputado Izalci Lucas (PSDB/DF), e o PL 193 de 2016, do Senador Magno Malta (PR/ES), que pretendem instituir o “Programa Escola sem Partido” em nível federal (Martins, 2016).

Entretanto, as questões de gênero e sexualidade precisam ser debatidas e pautadas nos direitos sociais, implicando diretamente nas relações interpessoais, no pertencimento por parte dos envolvidos, no processo de ensino e aprendizagem e na escola.

É nesse sentido que a pesquisa desenvolvida para este trabalho monográfico buscou investigar questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores, mais especificamente, de professores de Química. Justifica-se essa opção considerando que, segundo Marin (2019), a ausência de debates e ações educativas sobre a diversidade na formação de professores de Química, é combustível para perpetuar os modelos tradicionais de ensino nas redes básicas de educação, na contramão dos propostos nas Diretrizes Nacionais do Ensino Médio.

As Diretrizes Nacionais do Ensino Médio atualizadas em 2018, mencionam no capítulo II da proposta pedagógica, no art. 27, que as propostas pedagógicas devem considerar promoção dos direitos humanos mediante a discussão de temas relativos gênero, identidade de

gênero e orientação sexual, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de preconceitos, discriminação e violência sob todas as formas (Brasil, 2018).

A Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-FORMAÇÃO) de 2019, apresenta as competências gerais que os profissionais devem construir durante a vida acadêmica e, posteriormente, aplicar na rede básica de ensino (Brasil, 2019). Dentre as competências citadas neste documento, destacam-se o exercitar a empatia, o diálogo e a gestão de conflitos, assim como promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos sociais.

Na literatura, pesquisas mostram que questões de gênero e sexualidade estão sendo discutidas na formação de professores de Ciência da Natureza e de Química. Nogueira, Orlandi e Cerqueira (2020) realizaram um estado da arte sobre o como a temática gênero e sexualidade tem sido desenvolvida na área de ensino de Química. Segundo eles, os cursos de licenciatura em Química precisam:

prover aos egressos recursos conceituais que favoreçam melhores condições de exercício profissional nas escolas, na medida em que lhes possibilitem uma atuação ética e fundamentada para abordar tais questões em sala de aula de maneira profunda, contextualizada e ancorada na perspectiva dos Direitos Humanos (Nogueira; Orlandi; Cerqueira, 2020, p. 288).

Segundo esses autores, como um dos resultados do estudo, destaca-se “[...] que ainda são incipientes as investigações sobre gênero e sexualidade na perspectiva do Ensino de Química” (Nogueira; Orlandi e Cerqueira, 2020, p. 294).

Silva et al (2021) investigaram, no currículo no curso de Química-Licenciatura (QL), de uma universidade pública federal, no Agreste pernambucano, “as temáticas de gênero e sexualidade; e as concepções sobre gênero e sexualidade que os licenciandos do referido curso possuíam sobre as temáticas em foco” (Silva et al., 2021, p. 381). E, de acordo com esses autores, “[...] os licenciandos ainda se consideram inseguros para debaterem as temáticas de gênero e sexualidade no ensino médio, apresentando a necessidade da ampliação de componentes curriculares que abordem a temática dentro da grade curricular do curso” (Silva et al., 2021, p. 397).

O trabalho de Cordeiro e Santos (2022) teve como objetivo analisar as concepções de licenciandos e licenciandas de três cursos voltados a formação de professores e professoras da área de Ciências da Natureza, referentes aos termos Gênero e Sexualidade e, segundo esses autores, há a necessidade de maior aprofundamento acerca da temática Gênero

e Sexualidade na formação de professores e professoras, haja vista que essas questões fazem parte do cotidiano e estão presentes na vida de discentes.

Costa (2022), por sua vez, em seu trabalho intitulado “Os sentidos de gênero e sexualidade no currículo do curso de Química-Licenciatura CAA-UFPE”, teve como objetivo compreender quais sentidos de gênero e sexualidade estão sendo mobilizados no currículo do curso de Química-Licenciatura (UFPE-CAA). Costa (2022), em seus resultados, considera que discentes estão construindo suas concepções acerca do que é gênero e sexualidade no meio acadêmico, mesmo em meio ao silenciamento da temática.

O que se espera é que os professores de Química em formação inicial saibam como agir diante das variadas situações cotidianas que podem emergir, como por exemplo, situações que envolvam questões de gênero e sexualidade, para a construção um ambiente acolhedor e transformador no espaço escolar no qual eles atuam ou irão atuar.

Embora considere-se a necessidade de inserção da temática de gênero e sexualidade em componentes curriculares do curso de licenciatura em Química, neste trabalho monográfico a proposta de pesquisa desenvolvida foi a de trabalhar junto com licenciandos e licenciandas em Química em outra perspectiva, ou seja, a partir de suas experiências e percepções sobre a temática em questão.

Nesse sentido, adotou-se nesta pesquisa o conceito de experiência segundo Larrosa (2002, p. 21): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca [...]”. Mais especificamente, assumiu-se a ideia de que, se o que nos passa, nos transforma, então, que “o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência” (Larrosa, 2011, citado por Nacarato; Passeggi, 2013, p. 292).

Nesta perspectiva, optou-se por compreender as experiências dos licenciandos e licenciandas de Química por meio de suas narrativas (auto)biográficas, considerando que “ao escrever, há todo um processo de reflexão sobre a experiência a ser narrada. Esse é o momento em que são atribuídos sentidos e significados ao que se faz” (Nacarato; Passeggi, 2013, p. 292).

Para Passeggi (2016), as narrativas (auto)biográficas constituem as fontes no campo epistêmico da pesquisa qualitativa interpretativista, podendo ser orais, escritas, imagéticas, digitais etc. Desta forma, este trabalho utilizou as narrativas (auto)biográficas escritas como fonte de pesquisa para o entendimento das experiências de licenciandos do curso de licenciatura em Química quanto às questões de gênero e sexualidade.

Portanto, quando professores de Química em formação inicial narram suas experiências sobre situações, ocorridas no contexto escolar/acadêmico, relativas às questões de gênero e sexualidade, a partir de reflexões sobre elas, eles vão atribuindo significados que podem favorecer a sua formação docente.

Diante do exposto, essa investigação foi conduzida a partir da seguinte questão de pesquisa: quais são as experiências de discentes da Licenciatura em Química, expressadas em suas narrativas (auto)biográficas, sobre questões de gênero e sexualidade ocorridas no contexto escolar/acadêmico?

Na busca de respostas para a questão de pesquisa anunciada, tem-se como objetivo desta pesquisa, compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas de discentes da Licenciatura em Química, suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico.

Portanto, nesta pesquisa, as narrativas (auto)biográficas dos professores de Química em formação inicial se constituíram como instrumento de formação, dado que “a reorganização das experiências - enquanto estudantes e profissionais -, [...] podem constituir um processo de (auto)formação” (Nacarato; Passeggi, 2013, p. 291) docente, e como ferramenta metodológica de produção de dados, pois a partir delas, foi realizada uma pesquisa qualitativa dos relatos pessoais descritos pelos indivíduos, onde expressaram suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico em suas trajetórias de vida.

Espera-se que os resultados dessa pesquisa contribuam para as discussões sobre questões de gênero e sexualidade no âmbito da formação inicial de professores de Química.

Para além dessa introdução, este trabalho monográfico foi organizado nos seguintes tópicos: no tópico 2 são discutidas as bases teóricas da pesquisa; no tópico 3 apresenta-se o percurso metodológico; no tópico 4 estão apresentados os resultados obtidos e a discussão sobre eles; e no tópico 5 são postas algumas considerações finais a partir da pesquisa desenvolvida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico foram discutidos aspectos da formação inicial dos professores de Química, questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de química e o uso das narrativas (auto)biográficas como instrumento de (auto)formação docente.

2.1 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

De acordo com as análises de Souza et al. (2015), percebe-se que a formação inicial de professores de Química é um processo essencial para garantir a qualidade do ensino dessa disciplina nas escolas. Essa formação visa capacitar os futuros professores não apenas no domínio dos conhecimentos científicos específicos da Química, mas nas competências pedagógicas necessárias para a prática docente eficaz e inclusiva.

Os cursos de Licenciatura em Química geralmente possuem uma estrutura curricular que combina disciplinas de conteúdos específicos com disciplinas pedagógicas. O âmbito das disciplinas de conteúdos específicos, envolve diferentes áreas da Química, como Geral, Orgânica, Inorgânica, Físico-Química e Química Analítica. Essas disciplinas fornecem uma base sólida de conhecimento científico que é fundamental para o futuro professor (Corrêa, 2015).

Paralelamente, o âmbito das disciplinas pedagógicas, podem ser abordados, por exemplo, didática, psicologia da educação, métodos de ensino, avaliação educacional e gestão de sala de aula. Segundo Santos, Aragão e Bizerra (2022), essas disciplinas são essenciais para que os futuros professores desenvolvam estratégias de ensino que promovam a aprendizagem, a motivação e a inclusão de todos no processo educativo.

Para Santos, Aragão e Bizerra (2022, p. 147):

Sustentando a FORMAÇÃO INICIAL do professor estão quatro conjuntos de conhecimentos, saberes e também competências que precisam ser trabalhados nos cursos de formação inicial de professores de Química. Considerados como dimensões da formação, cada conjunto tem sua relevância equiparada. A QUÍMICA relaciona-se ao conhecimento da Química, da sua natureza, das formas de ensinar Química, o conhecimento dos currículos e programas. O conhecimento da Química e da sua natureza é destacado pelos licenciandos e também pelos formadores. Ter conhecimento da Química é pressuposto fundamental para o exercício de qualquer atividade relacionada à Química, mas, para o exercício da docência o conhecimento sobre ensinar Química é fundamental (Santos, Aragão e Bizerra, 2022, p. 147)

Portanto, esses autores defendem uma formação abrangente e equilibrada para professores de Química, destacando quatro conjuntos de conhecimentos essenciais: o conhecimento

específico da Química, a natureza da Química, as formas de ensinar a disciplina, e o entendimento dos currículos e programas.

A ênfase no domínio do conteúdo químico é vista como fundamental para qualquer atividade na área, mas para a docência, é igualmente crucial o conhecimento pedagógico sobre como ensinar Química (Santos, Aragão e Bizerra, 2022). Os autores apontam que os licenciandos e formadores reconhecem a necessidade de aprofundar a compreensão da natureza da Química para aprimorar a definição do que e por que ensinar. Essa reflexão sugere que a formação inicial deve ser contínua e adaptativa, integrando saberes científicos e pedagógicos para preparar eficazmente os futuros educadores (Suart, 2016).

Suart (2016) ressalta que uma componente crucial na formação inicial de professores de Química é o estágio supervisionado. Durante os estágios, os estudantes têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula no contexto real de ensino. Sob a orientação de professores experientes, os estagiários desenvolvem habilidades práticas, enfrentam desafios do cotidiano escolar e refletem sobre sua prática docente.

Os estágios permitem que os futuros professores observem diferentes estilos de ensino, compreendam a dinâmica das escolas e interajam com a comunidade escolar, e essa vivência é fundamental para a construção de uma identidade profissional e para o desenvolvimento de uma postura reflexiva e crítica em relação à prática docente (Coutinho, Ribeiro, Martins, 2022).

Portanto, considerando as ideias de Coutinho, Ribeiro e Martins (2022), os participantes desta pesquisa foram licenciandos e licenciandas que estavam cursando a disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), mais precisamente, o ESO III e ESO IV.

Christino (2013) indica que a formação inicial de professores de Química enfrenta vários desafios. Entre eles, a autora destaca a necessidade de atualização constante dos currículos para acompanhar as inovações científicas e pedagógicas. Além disso, é fundamental que as instituições de ensino superior promovam uma formação que valorize a pesquisa educacional e incentive a produção de conhecimento na área de ensino de Química (Christino, 2013).

Nessa perspectiva, Broietti e Barreto (2011) sugerem que as mudanças curriculares na formação docente devem ser críticas e contextualizadas, reconhecendo que nem toda inovação conduz necessariamente a melhorias e que as transformações devem ser avaliadas cuidadosamente quanto aos seus impactos reais e desejáveis na educação.

Outro desafio importante apontado pelos autores é a formação dos futuros professores para lidar com a diversidade presente nas salas de aula. Isso inclui a formação para a inclusão de discentes com necessidades educacionais especiais, o uso de tecnologias educacionais e a

implementação de práticas pedagógicas que considerem as diferentes realidades socioeconômicas e culturais dos discentes (Broietti, Barreto, 2011).

A Base Nacional Comum para Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-FORMAÇÃO) de 2019, com resolução publicada pelo Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação (CNE), define as diretrizes curriculares para formação de professores nível superior e da educação básica (Brasil, 2019).

A BNC-FORMAÇÃO, requer do licenciando o desenvolvimento de competências gerais, que estão previstas na BNCC-Educação básica, assim como competências específicas, tais como: conhecimento, prática e o engajamento profissional (Brasil, 2019).

Além disso, a BNC-FORMAÇÃO, em seu Art. 8º destaca fundamentos pedagógicos necessários aos cursos destinados à Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, e, dentre outros, compromisso com a educação integral dos professores em formação, visando à constituição de conhecimentos, de competências, de habilidades, de valores e de formas de conduta que respeitem e valorizem a diversidade, os direitos humanos, a democracia e a pluralidade de ideias [...] (Brasil, 2019)

Portanto, a formação inicial de professores de Química é um processo complexo e multifacetado, que exige uma sólida base científica aliada a uma preparação pedagógica robusta. É essencial que os cursos de Licenciatura em Química ofereçam uma formação integrada e contextualizada, capaz de preparar os futuros professores para os desafios contemporâneos para os processos de ensino e aprendizagem.

É no contexto dos desafios contemporâneos que se destacam, nessa monografia, as questões de gênero e sexualidade, considerando-se a necessidade de abertura para essa pauta nos espaços escolares e nos espaços de formação docente, em especial nos espaços da formação inicial de professores de Química.

Somente assim será possível garantir um ensino de Química de qualidade, que contribua para a formação integral dos estudantes e para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa (Gauche, 2008).

2.2 GÊNERO E SEXUALIDADE E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Segundo Lucifora et al. (2019), a categoria gênero volta-se para uma construção social, cultural e psicológica, onde o indivíduo se baseia nas expectativas, comportamentos, expe-

riências e características atribuídos a homens e mulheres da sociedade. É um conceito que vai além das disparidades biológicas sexuais (Mattos, 2015).

O gênero é considerado um espectro, com masculinidade e feminilidade representando limites e uma ampla gama de identidades e expressões de gênero existindo entre elas. Por exemplo, além de ser homem ou mulher, uma pessoa pode se identificar como não-binária, agênero, gênero-fluido, entre outra identidade de gênero (Silva, Costa, Muller, 2020).

Por ser definido como um espectro, a tendência é que novas terminologias de gênero venham a surgir, mostrando outras singularidades. Ou seja, a questão de gênero está referida ao como a pessoa se sente e se identifica em relação ao seu gênero e ao seu corpo. A pessoa cisgênero é aquela que se identifica com o gênero que foi atribuído ao nascimento, e a pessoa transgênero é aquela que se identifica com o gênero diferente daquele que lhe foi atribuído ao nascimento (Freitas, Souza Junior, 2020).

O conceito de gênero transcende as distinções biológicas entre masculino e feminino, referindo-se às características, papéis e expectativas sociais atribuídas às pessoas com base em suas identidades percebidas como masculinas ou femininas (Louis, 2006). Importante ressaltar que o gênero não está intrinsecamente ligado ao sexo biológico, mas é uma construção social variável entre culturas e ao longo do tempo (Lattanzio, Ribeiro, 2018).

Na sociedade contemporânea, a compreensão de gênero expandiu-se consideravelmente, reconhecendo uma ampla gama de identidades de gênero, além do binarismo tradicional masculino/feminino (Scott et al., 1995). Movimentos sociais têm desafiado e ampliado essas definições, buscando a igualdade de gênero e o reconhecimento de direitos para todas as identidades (Costa, 2020).

Os papéis de gênero são socialmente construídos e influenciam comportamentos e oportunidades na sociedade (Hypolito, 2020). Historicamente, esses papéis impuseram limitações e estereótipos, reforçando padrões rígidos de comportamento. No entanto, a desconstrução dos estereótipos de gênero é um passo fundamental para criar uma sociedade mais inclusiva e equitativa (Pisticelli, s.d.).

A educação sobre gênero desempenha um papel importante na conscientização sobre as construções sociais de gênero e no combate ao preconceito (Louis, 2006). É necessário ressaltar que a compreensão do gênero está em constante evolução, e embora muitas sociedades avancem na aceitação de diversas identidades de gênero, ainda há desafios significativos, como discriminação e violência enfrentadas por pessoas que fogem às normas tradicionais (Scott et al., 1995).

Portanto, a reflexão sobre gênero é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as pessoas possam expressar sua identidade de gênero sem medo de discriminação ou rejeição (Costa, 2020). O reconhecimento e respeito à diversidade de identidades de gênero são passos essenciais na busca por igualdade e justiça para todos (Lattanzio; Ribeiro, 2018; Hypolito, 2020).

A sexualidade, por sua vez, refere-se ao desejo sexual ou romântico por uma pessoa, podendo ser heterossexual ou homossexual. A pessoa heterossexual é aquela pessoa que sente atração por uma pessoa com o sexo oposto ao seu, e a pessoa homossexual sente atração sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Ainda existe outras modalidades de orientação sexual que abrangente uma diversidade de identidade de gênero e orientação sexual que são os Lgbtqiapn+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binárias) (Costa, 2017).

A sexualidade abarca uma vasta gama de aspectos que vão além da atividade sexual, englobando sentimentos, desejos, identidades, orientações e relações interpessoais, sendo um componente intrínseco da identidade humana (Maia, 2010). Esta compreensão ultrapassa a dimensão biológica, sendo influenciada por fatores culturais, sociais, psicológicos e políticos (Camargo; Sampaio Neto, 2017; Borges et al; 2013). A sexualidade inclui diversas identidades e orientações, como heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade e assexualidade, refletindo a complexidade das vivências humanas (Colling, 2018).

Segundo Almeida (2022, p. 6):

A heterossexualidade refere-se a alguém que sente atração emocional e/ou sexual por pessoas de um sexo oposto. Por outro lado, uma pessoa homossexual sente atração emocional e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo. Uma pessoa bissexual é caracterizada como alguém que sente atração por mais que um sexo, alguém que sente atração por dois ou mais gêneros, alguém que se sente atraído por pessoas do mesmo ou outros gêneros, ou alguém que se sente atraído por pessoas independentemente do seu gênero. pansexualidade pode ser vista como um termo alternativo à bissexualidade, as pessoas pansexuais não têm em conta o gênero quando sentem atração emocional e/ou sexual por alguém, ou seja, independentemente do sexo/gênero de outro indivíduo. A assexualidade diz respeito à inexistência de atração sexual, contudo uma pessoa assexual pode experimentar outras formas de atração, que não incluem a necessidade de agir sexualmente sobre essa atração (Almeida, 2022, p. 6).

Nas sociedades, geralmente, a sexualidade tem sido historicamente regulada por normas culturais, religiosas e sociais rígidas, limitando a livre expressão de desejos e identidades (Camargo; Sampaio Neto, 2017). No entanto, movimentos sociais têm desafiado tais normas, promovendo a aceitação e a visibilidade das diversas expressões da sexualidade humana (Borges et al., 2013).

A educação sexual desempenha um papel crucial na promoção da saúde e do bem-estar, capacitando as pessoas a tomarem decisões informadas e responsáveis sobre sua vida sexual (Nogueira et al., 2021). No entanto, essa educação nem sempre é adequadamente abordada em sistemas educacionais devido ao estigma e à falta de recursos, resultando em lacunas no conhecimento que podem impactar negativamente a saúde das pessoas (Figueiroa et al., 2017).

Além disso, a sexualidade é frequentemente alvo de discriminação e violência, especialmente contra pessoas LGBTQIA+, que enfrentam desafios adicionais devido à falta de reconhecimento de suas identidades (Borges et al., 2013). Essa discriminação reforça a importância de uma discussão aberta e inclusiva sobre sexualidade para criar sociedades mais saudáveis e respeitadas (Maia, 2010; Colling, 2018)

Nesse contexto, é esclarecida a compreensão da relação do gênero e da sexualidade e de suas diferenças, ao considerar que todos os seres humanos nascem “neutros”, e vão se descobrindo/encontrando ao longo da sua vida. A luta pela igualdade e o respeito em relação a orientação sexual do outro indivíduo começa pela educação, para que só assim se consiga chegar em uma sociedade justa e igualitária para todos (Lopes; Silva, 2013).

A educação sobre gênero e sexualidade não deve se restringir apenas à biologia ou à reprodução, mas deve abordar questões mais amplas, como identidade de gênero, orientação sexual, diversidade sexual e relações saudáveis (Ribeiro; Thiengo, 2010). Isso possibilita que os estudantes compreendam a complexidade e a diversidade das experiências humanas, incluindo questões como consentimento, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada.

Respeitar e reconhecer a diversidade de experiências sexuais e identidades de gênero é crucial para garantir a autonomia, liberdade e respeito de todos em relação à sua sexualidade e expressão de gênero (Figueiroa et al., 2017; Nogueira et al., 2021). Esta reflexão é essencial na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, promovendo o entendimento e respeito pela diversidade humana (Maia, 2010; Camargo; Sampaio Neto, 2017).

Nesse sentido, é fundamental que o currículo escolar (e da formação de professores) reflita a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, combatendo estereótipos e preconceitos por meio da inclusão de conteúdos que representem positivamente pessoas LGBTQIA+ em diversas disciplinas (Santos, 2016). Essa abordagem pode proporcionar modelos igualitários e promove uma educação mais inclusiva e abrangente.

Além disso, o ambiente escolar (e de formação de professores) precisa ser um espaço seguro e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de sua identidade de gênero

ou orientação sexual (Santana, 2019). A implementação de políticas antidiscriminatórias e a criação de espaços de diálogo e apoio são medidas essenciais para promover um ambiente inclusivo e respeitoso, conforme destacado por Gross (2019).

É necessário abordar o tema de maneira sensível, respeitando as diferentes crenças e valores culturais presentes na comunidade escolar (Ribeiro, Thiengo, 2010). Isso implica oferecer uma educação baseada em evidências científicas, sensível à diversidade de perspectivas e promovendo o diálogo e o respeito mútuo.

Sobre questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de química, Nogueira, Orlandi e Cerqueira (2021) destacam que a inclusão de questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química é um aspecto essencial para a promoção de uma educação mais equitativa e inclusiva. Essa abordagem não só contribui para a formação de profissionais mais conscientes e preparados para lidar com a diversidade em sala de aula, mas para a construção de um ambiente educacional que respeite e valorize todas as identidades e orientações.

Marin e Oliveira (2019) citam que as questões de gênero e sexualidade são frequentemente negligenciadas nos currículos tradicionais, o que pode perpetuar estereótipos e preconceitos tanto entre discentes quanto entre professores. Integrar essas temáticas na Licenciatura em Química ajuda a combater essas barreiras, promovendo uma cultura de respeito e inclusão. Além disso, prepara os futuros professores para identificar e combater práticas discriminatórias, criando um ambiente de aprendizado seguro para todos os estudantes (Paula, 2023).

Apesar da importância dessas temáticas, a inclusão de questões de gênero e sexualidade na formação de professores de Química enfrenta a resistência cultural e institucional. Muitos educadores e gestores ainda veem esses temas como secundários ou até mesmo desnecessários, o que dificulta sua implementação no currículo. Além disso, há uma carência de materiais didáticos e recursos específicos que abordem essas questões de maneira adequada (Cordeiro, Santos, 2022).

Nesse sentido, a inclusão dessas questões pode ser feita de várias maneiras. Primeiramente, é essencial que o currículo inclua disciplinas específicas que abordem gênero e sexualidade de forma teórica e prática. Essas disciplinas devem discutir conceitos fundamentais, como identidade de gênero, orientação sexual, e os impactos sociais e psicológicos da discriminação e do preconceito (Menezes, 2022).

Além disso, Santos, Pereira e Bortolai (2022) consideram que é importante que essas temáticas sejam integradas em outras disciplinas pedagógicas e específicas da Química. Por exemplo, ao discutir o desenvolvimento histórico da Química, pode-se destacar a contribuição

de cientistas de diferentes gêneros e orientações sexuais, desafiando a narrativa tradicional que muitas vezes exclui essas vozes. Na didática da Química, os futuros professores podem aprender a desenvolver estratégias de ensino que sejam sensíveis às questões de gênero e sexualidade (Marin, 2019).

Outrossim, Kuehjeweeun, Faria e Nogueira (2023) concordam que para que a formação dos futuros professores seja realmente eficaz, é necessário que as práticas pedagógicas durante o curso de Licenciatura reflitam essa inclusão. Os estágios supervisionados, por exemplo, podem ser espaços para a aplicação de metodologias inclusivas. Os estagiários podem ser incentivados a criar projetos que promovam a discussão sobre gênero e sexualidade em sala de aula, utilizando experimentos e atividades que mostrem a relevância dessas questões na ciência e na sociedade (Costa, 2022).

Dessa forma, incorporar questões de gênero e sexualidade na Licenciatura em Química é fundamental para a formação de professores mais preparados e conscientes das diversidades presentes em suas futuras salas de aula. Essa abordagem não apenas enriquece o processo de ensino-aprendizagem, mas contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É crucial que as instituições de ensino superior se comprometam com essa inclusão, enfrentando os desafios e resistências, e promovendo uma formação integral e inclusiva para todos os futuros educadores (Souza, 2019).

Neste trabalho monográfico, nos propomos a trabalhar junto com discentes em Química sobre questões de gênero e sexualidade considerando as suas experiências e as percepções, capturadas por meio de suas narrativas autobiográficas.

2.3 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

As narrativas constituem-se “no ato de contar e revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo” (Sousa; Cabral, 2015, p. 150).

Nesta perspectiva, denominam-se narrativas (auto)biográficas os relatos pessoais onde os autores compartilham suas próprias experiências, memórias e percepções de vida, oferecendo uma visão íntima e subjetiva do percurso individual, refletindo sobre eventos significativos, desafios e aprendizados (Passeggi, Nascimento; Oliveira 2016).

Neste contexto, a experiência é concebida nesta monografia segundo Larrosa (2002, p. 21): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca [...]”. Em outras palavras assume-se a ideia de que, se o que

nos passa, nos transforma, então, “o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência” (Larrosa, 2011, citado por Nacarato; Passeggi, 2013, p. 292).

Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p. 113), apresentam a narrativa (auto)biográfica onde temos as possibilidades de serem orais, escritas, imagética e digitais, neste trabalho monográfico adotou-se as narrativas autobiográficas escritas.

Para Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p. 11), existem alguns motivos para o uso das narrativas (auto)biográficas. São eles:

O primeiro é que o uso de narrativas autobiográficas ao proporcionar a entrada no universo mais subjetivo da criança e de professores, possibilita-lhes uma melhor compreensão do que os move como indivíduos nos processos de sua constituição como pessoa e como cidadã nos mais diversos contextos educacionais. O segundo, subjacente ao primeiro, denuncia a seguinte constatação: se, no Brasil, aprimoram-se os discursos da lei, nos últimos anos, contemplando avanços significativos em matéria de inclusão social, desigualdades, respeito e valorização das diferenças e o direito à atenção integral, as instituições educativas, que nos interessam aqui, encontram desafios para sair do discurso e passar a ação, e é na história de cada indivíduo que podemos perceber como fazem para superar esses desafios que lhes são (im)postos para agir diariamente como alunos e professores - na escola, com a escola e pela escola – o que justifica a legitimidade de sua palavra para pesquisa e outros direcionamentos das ações educativas (Passeggi, Nascimento; Oliveira, 2016, p. 11).

Portanto, Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016) ressaltam dois pontos principais sobre o uso de narrativas (auto)biográficas no contexto educacional. Primeiro, essas narrativas permitem uma melhor compreensão subjetiva das experiências de crianças e professores, elucidando o que os motiva como indivíduos em seu desenvolvimento pessoal e cidadão. Segundo, apesar dos avanços legais no Brasil em termos de inclusão social e respeito às diferenças, as instituições educativas ainda enfrentam dificuldades em transformar esses discursos em ações concretas.

As narrativas pessoais revelam como indivíduos superam diariamente esses desafios impostos, legitimando suas vozes na pesquisa e orientando as práticas educativas. Essa abordagem destaca a importância de ouvir e valorizar as histórias pessoais para entender e melhorar a ação educativa na prática (Ventura; Cruz, 2019)

Ao compartilhar suas vivências, os autores podem oferecer perspectivas únicas e valiosas que enriquecem a compreensão sobre temas complexos e variados (Ventura, Cruz, 2019). Ainda segundo Ventura e Cruz (2019), a formação do sujeito, está situada num determinado espaço-tempo, configurando que todo sujeito tem uma narrativa no seu processo formativo, através das (re)interpretações, é possível entender que as narrativas são partes de quem somos.

Nessa perspectiva, as narrativas (auto)biográficas podem se constituir como instrumento de formação docente, na formação inicial e na formação continuada, dado que elas revelam como indivíduos superam diariamente esses desafios impostos, legitimando suas vozes em seus processos formativos.

Adicionalmente, por meio das narrativas, podem ser abordadas dimensões da subjetividade que podem ter sido esquecidas no processo formativo, tais como imaginação, sensibilidade e emoção (Ventura, Cruz, 2019).

Pena (2015) indica que, quando correlacionadas com as questões de gênero e sexualidade na Licenciatura em Química, as narrativas (auto)biográficas se tornam instrumentos pedagógicos essenciais. Por exemplo, narrativas (auto)biográficas de cientistas LGBTQ+ podem ser utilizadas para destacar as contribuições e desafios enfrentados por esses indivíduos na comunidade científica (Rios, Viera, 2017).

Para Souza (2022) ao incentivar os próprios discentes a escreverem e compartilharem suas narrativas, os professores podem promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e reflexivo, onde todas as identidades são respeitadas e valorizadas. Isso não só enriquece o ensino da Química, mas contribui para a formação de educadores mais sensíveis e preparados para lidar com a diversidade em suas futuras carreiras.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa interpretativista, na perspectiva das pesquisas (auto)biográficas, que nos possibilita compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas escritas, experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico de discentes da Licenciatura em Química.

Para Flick (2008), a pesquisa qualitativa é de particular relevância sobre os estudos sociais e a pluralização das esferas da vida, utilizando de estratégias indutivas baseados em conhecimentos anteriores para um melhor resultados das avaliações diante da diversidade existente. Nesse sentido,

O pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995, p. 21).

A pesquisa qualitativa interpretativista, por sua vez, considera “[...] a interpretação que o pesquisador faz de seus dados” (Silva, 2026, p. 64).

Na pesquisa (auto)biográfica, na perspectiva qualitativa interpretativista, as narrativas (auto)biográficas são instrumento de coleta de dados, capturam a multiplicidade comunicativa expressa e dialogada durante as experiências transmitidas, apresentando três dimensões: o fenômeno, representado pela vida da pessoa expressa em narrativa; a metodologia; e a forma de exposição (Ventura; Cruz, 2019).

Esta abordagem de pesquisa “ressalta as dimensões temporais, evidenciando aspectos das narrativas (auto)biográficas dos participantes pelo distanciamento temporal entre o vivido, o narrado e sua compreensão auto formativa” (Pereira; Nunes; Fernandes. 2022 p. 487-509).

3.1 Contexto da pesquisa e participantes

A escolha da instituição de ensino superior (IES) ocorreu considerando que o autor desta monografia é discente da instituição, mais especificamente do curso de licenciatura em Química e observa a necessidade das discussões sobre o tema em questão no respectivo curso.

A pesquisa contou com sete participantes que estavam cursando entre o oitavo e décimo (e último) período do curso e matriculados nos componentes curriculares Estágio Supervisionado Obrigatório III e Estágio Supervisionado Obrigatório IV. A delimitação desses períodos e respectivos componentes curriculares foi necessária pela vivência dos discentes em sala de aula com atividades de regência, onde ocorre interações com os discentes da rede básica de ensino.

Os participantes foram designados pelos códigos LQ1, LQ2, LQ3, LQ4, LQ5, LQ6 e LQ7, considerando L (Licenciando/Licencianda), Q (Química). O perfil dos participantes foi heterogêneo, constituído de dois homens cis gay, um homem heterossexual, duas mulheres heterossexuais, uma mulher bissexual e uma mulher trans.

3.2 Etapas metodológicas da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos quatro etapas metodológicas: contato com possíveis participantes; elaboração de questionário; envio do questionário; organização e análise das narrativas (auto)biográficas.

Na primeira etapa, foram convidados discentes que estivessem cursando entre o oitavo e décimo período. O contato com os participantes ocorreu durante as aulas e corredores da

IES. Durante uma conversa informal, o pesquisador e autor desta monografia falou brevemente sobre o uso da narrativa (auto)biográfica e explicou sobre o tema e objetivo da pesquisa, e em seguida perguntou se a pessoa poderia colaborar respondendo o questionário.

Na segunda etapa utilizamos a plataforma do *google forms* para elaboração do questionário de questão única para que os discentes possam relatar suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico e outra questão sobre qual período do curso.

A questão posta aos discentes foi: As discussões sobre gênero e sexualidade são cada vez mais necessárias no âmbito da formação de professores, em especial na formação inicial de professores de química. Nesse sentido, todos e todas têm uma história para contar sobre suas vivências no contexto escolar diante de tais discussões... E você? Conte sua história. Era uma vez...

The image shows a Google Forms questionnaire. The title is "QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DE DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA: UMA ANÁLISE DE SUAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS". Below the title, there is a short paragraph explaining the purpose of the survey and asking for consent. The form includes a red asterisk indicating a mandatory question, followed by two text input fields: "E-mail" and "Nome Completo".

Figura 1 – Formulário *Google Forms*

Fonte: Autor (2024).

Na terceira etapa, enviamos o questionário para os sete discentes do curso de licenciatura em Química da IES com termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A), por meio da plataforma do *WhatsApp*.

Na quarta etapa, para organização das narrativas (auto)biográficas dos discentes, estas foram integralmente copiadas do formulário (ANEXO B). Para a realização das análises, foram adotadas categorias *a posteriori*, ou seja, categorias empíricas que foram identificadas a partir da leitura das respectivas narrativas.

No quadro1, estão apresentadas as categorias analíticas empíricas e a indicação dos participantes que expressaram as respectivas categorias em suas narrativas (auto)biográficas.

Quadro 1: Categorias analíticas empíricas e os participantes

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PARTICIPANTES
1	Ausência da discussão sobre questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico	LQ1, LQ2, LQ3, LQ4, LQ6 e LQ7
2	Não saber agir, intolerância e/ou preconceito diante de questões de gênero e sexualidade por estudantes/professores no âmbito escolar e/ou acadêmico	LQ2 e LQ6
3	Desrespeito e bullying diante de questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico	LQ3 e LQ5
4	Respeito diante das questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico	LQ2 e LQ5
5	Contribuições de disciplinas/programas no âmbito escolar/acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade	LQ3, LQ4 e LQ7
6	Saber agir diante de questões de gênero e sexualidade na minha prática docente	LQ4
7	Como inserir questões de gênero e sexualidade no ensino de Química.	LQ1

Fonte: Autor, 2024.

3.3 Aspectos éticos da pesquisa

Quanto aos aspectos éticos, os relatos coletados durante o desenvolvimento da pesquisa preservam o anonimato dos participantes com o uso da nomenclatura de LQ1 a LQ7. Foi apresentado e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) pelo pesquisador e discente, para o consentimento de participação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico são apresentados os resultados da pesquisa e a discussão sobre eles. A discussão dos resultados foi organizada considerando as respectivas categorias construídas *a posteriori*, conforme apresentadas na metodologia.

Vale recordar que as narrativas (auto)biográficas dos discentes do curso de Licenciatura em Química emergiram a partir da seguinte questão posta: “As discussões sobre gênero e sexualidade são cada vez mais necessárias no âmbito da formação de professores, em especial na formação inicial de professores de Química. Nesse sentido, todos e todas têm uma história para contar sobre suas vivências no contexto escolar diante das questões de gênero e sexualidade. E você? Conte sua história. Era uma vez...”.

Neste momento da pesquisa, buscou-se compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas de discentes da Licenciatura em Química, suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico.

4.1 AUSÊNCIA DA DISCUSSÃO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR E/OU ACADÊMICO

A ausência da discussão sobre questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico foi identificada nas narrativas de LQ1, LQ2, LQ3, LQ4, LQ6 e LQ7, conforme as transcrições:

Até o momento eu não vivenciei questões relacionadas ao gênero e sexualidade como estagiário nas escolas, principalmente numa aula de química. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ1) (Grifos nossos).

[...]. **As situações que presenciei no ambiente escolar costumavam ser abafadas** pela coordenação escolar por receio de repercussão negativa. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ2) (Grifos nossos).

[...] Ao terminar o ensino fundamental, ano 2014, **o garoto também não teve experiências e oportunidades para discutir questões de gênero e sexualidade**. [...] Durante a universidade o garoto, **não teve muitas oportunidades para discutir essas questões num ambiente formal**, numa aula com participação de algum docente (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ3) (Grifos nossos).

Durante minha trajetória como estudante **poucas foram as vezes em que as questões de gênero e sexualidade foram pauta de discussão**. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ4) (Grifos nossos).

[...]. Em relação a sexualidade e a comunidade LGBTQIA+, a escola onde estudei **optava por passar vista grossas para alunos dessa comunidade**. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ6) (Grifos nossos).

Então, na vivência dentro da academia, eu nunca tive contanto com nenhuma cadeira obrigatória que discutisse sobre gênero e sexualidade, um absurdo, visto que hoje se faz tão necessário. Mesmo as eletivas que paguei, não tocam nesses assuntos de forma aprofundada, mostrando assim um déficit na antiga grade do curso de química, como iremos lidar de forma apropriado com as diversas situações que podem acontecer em sala de aula, se não recebemos formação para tal? Claro que, estudamos por conta própria, para aprender a tratar todos com o máximo de respeito. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ7) (Grifos nossos).

Os resultados de seis, das setes narrativas (auto)biográficas, trouxeram a ausência de discussões sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar e/ou acadêmico, mostrando o quanto precisa-se percorrer para chegar a uma educação igualitária e que busca o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e respeitosa. E esse resultado é corroborado por Marin e Oliveira (2019) quando citam que as questões de gênero e sexualidade são frequentemente

negligenciadas nos currículos tradicionais, o que pode contribuir para perpetuar estereótipos e preconceitos tanto entre discentes quanto entre professores.

4.2 NÃO SABER AGIR, INTOLERÂNCIA E/OU PRECONCEITO DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE POR ESTUDANTES/PROFESSORES NO ÂMBITO ESCOLAR E/OU ACADÊMICO

O não saber agir, intolerância e/ou preconceito diante das questões de gênero e sexualidade por estudantes/professores no âmbito escolar e/ou acadêmico foi identificado nas narrativas de LQ2 e LQ6, conforme transcrições de suas respectivas narrativas (auto)biográficas:

Já presenciei tanto no ambiente universitário quanto no ambiente escolar momentos em que figuras **docentes não souberam agir diante de questões de gênero e sexualidade dos alunos, seja com o erro do pronome que é o mais comum de se acontecer nos espaços acadêmico e escolar ou com a intolerância e o preconceito que infelizmente são percebidos ainda hoje.** (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ2) (Grifos nossos).

Ao lecionar no Programa de Residência Pedagógica, vi e pude conviver com alunas trans, mas ainda não vi aulas ou discussões levantadas a cerca disso e **confesso que também não fiz e não pensei em que forma levantar essa discussão em uma aula de química. A gente estuda como trabalhar questões étnicas, raciais, mas em relação a sexualidade não.** (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ6) (Grifos nossos).

Os relatos apresentados nas duas narrativas (auto)biográficas podem indicar lacunas na formação inicial dos discentes da Licenciatura em Química, seja pela ausência das discussões durante a formação, falta de uma formação continuada e falta de materiais didáticos para a formação e possíveis discussões.

Tanto a ausência de posicionamento quanto o não saber como abordar questões de gênero e sexualidade, são aspectos que corroboram com Menezes (2022) ao destacar a necessidade de o currículo incluir disciplinas específicas que abordem gênero e sexualidade de forma teórica e prática. Essas disciplinas devem discutir conceitos fundamentais, como identidade de gênero, orientação sexual, e os impactos sociais e psicológicos da discriminação e do preconceito (Menezes, 2022).

4.3 DESRESPEITO E BULLYING DIANTE DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR E/OU ACADÊMICO

As transcrições de trechos das narrativas (auto)biográficas dos discentes LQ3 e LQ5, ilustram o desrespeito e bullying diante de questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico, conforme transcrições:

[...] Durante o período do 2° ao 5° ano do ensino fundamental, 2007 a 2010, período que cursou numa escola da zona rural da cidade de Itambé, interior de Pernambuco, o garoto não sabia muito sobre questões de gênero e sexualidade, devido ao ambiente que fora criado e ao fato de não ter tido esse tipo de discussão na escola. Ao ingressar no 6° ano do ensino fundamental, ano de 2011, o garoto mudou de escola para a zona urbana da mesma cidade, ao entrar na escola o garoto se viu em meio a uma sala de aula cheia de pessoas que não conhecia, o que o fez se fechar ainda mais. **Nos primeiros meses de aula o garoto percebeu estar em um ambiente hostil onde sofria bullying, de diferentes alunos, o bullying não era praticado por apenas um estudante ou por algum motivo específico, alunos faziam "brincadeiras aleatórias" com diversos outros alunos, até então, o garoto já se via como alguém "anormal",** sabia que era diferente dos outros meninos de sua idade. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ3) (Grifos nossos).

[...]. **Diferentemente de situações que vivencio na universidade onde o desrespeito de pronome vai de professores a estudante da instituição.** (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ5) (Grifos nossos).

As narrativas apresentadas nestes trechos reforçam as necessidades da formação do professor para as discussões sobre gênero e sexualidade, e trazem elementos que contribuem para a identificação de práticas discriminatórias que pode ocorrer durante a aula, como, por exemplo, o desrespeito do pronome. Vale destacar que a negação a um ensino inclusivo e não acolhedor pode desencadear situações constrangedoras que podem levar pessoas a se considerarem como “anormais”. É nesse contexto que a inclusão de questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química é um aspecto essencial para a promoção de uma educação mais equitativa e inclusiva, destacada por Nogueira, Orlandi e Cerqueira, (2021) e por Paula (2023), com vistas ao preparo dos futuros professores para identificar e combater práticas discriminatórias, criando um ambiente de aprendizado acolhedor.

4.4 RESPEITO DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR E/OU ACADÊMICO

O respeito diante das questões de gênero e sexualidade no âmbito acadêmico foi identificado nas narrativas de LQ2 e LQ5, conforme transcrição:

Já as situações no âmbito universitário, que eu já presenciei, foram resolvidas com o diálogo. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ2) (Grifos nossos).

Por ser uma travesti, sempre tive que me impor e solicitar respeito nos lugares no qual ocupo. No âmbito educacional, uma das minhas maiores surpresas foi em 2023, quando estava aplicando um projeto para a disciplina de Estágio 2, na escola que estudei meu ensino fundamental todo para turmas de 7º ano. **E nesse contexto onde tínhamos ali estudantes na faixa de 10-12 anos e eles foram extremamente compreensivos e acolhedores e nunca fui desrespeitada.** E por isso a surpresa, **eu estou ocupando espaço numa escola pública com estudantes que nunca me viram.** (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ5) (Grifos nossos).

Nas respectivas narrativas é possível visualizar que pode existir uma abertura para o diálogo no contexto escolar e/ou acadêmico. Inicialmente, é importante entender que existe um grande desafio quanto a conquista do respeito, que deveria ser um dever de todos. Entretanto, por meio do diálogo, segundo LQ2, esse respeito pode ser instituído.

Embora LQ5 tenha narrado uma situação do contexto escolar onde aplicou o projeto da disciplina ESO II, sua narrativa reforça a proposição de Costa (2022) ao defender que os estágios supervisionados, por exemplo, podem ser espaços para a aplicação de metodologias inclusivas.

Adicionalmente, Kuehjeweeun, Faria e Nogueira (2023) pontuam que para que a formação dos futuros professores seja realmente eficaz, é necessário que as práticas pedagógicas durante o curso de Licenciatura reflitam a inclusão.

4.5 CONTRIBUIÇÕES DE DISCIPLINAS/PROGRAMAS NO ÂMBITO ESCOLAR E/OU ACADÊMICO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Foram identificadas nas narrativas de LQ3, LQ4 e LQ7 contribuições de disciplinas/programas no âmbito escolar e/ou acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade, conforme evidenciado nos trechos das transcrições:

[...]. Ao ingressar no ensino médio em 2015, o garoto passou a ter aulas de disciplinas mais específicas como química e biologia, **sua primeira professora de química, que também era a professora de biologia, no primeiro dia de aula fez uma dinâmica para falar sobre sexualidade**, ela solicitou que todos os alunos escrevessem dúvidas em um pedaço de papel, anonimamente, e entregasse a ela, a professora em seguida começou a responder as dúvidas uma por uma, esse foi o primeiro momento que o garoto pode escutar orientações e esclarecimentos sobre questões de gênero e sexualidade. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ3) (Grifos nossos).

[...] Enquanto aluna do Ensino Médio, **a única experiência sobre a questão de gênero que me recordo**, é quando estava estagiando no CETENE, que é um centro de pesquisa dentro do CRCN. Lá existe um **programa chamado de "Futuras Cientistas", que é um programa voltado para as mulheres que estão no Ensino Médio da rede pública, e que tem por finalidade o ingresso de mulheres na ciência.** [...]. **No que se refere a minha vivência enquanto discente do curso de licenciatura**

tura, outro momento que tive discussão de gênero, e agora, sexualidade, foi quando cursei a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Nessa disciplina a professora estava sempre trazendo à tona questões de gênero, sexualidade, raciais, religiosas, entre outras. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ4) (Grifos nossos).

[...]. **Ainda bem que, a nova grade já tem,** acho que desde os primeiros períodos, algumas cadeiras que tocam nesses assuntos. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ7) (Grifos nossos).

A discussão sobre gênero e sexualidade na formação docente e na educação básica é uma realidade pouco observada em algumas das narrativas (auto)biográficas dos discentes, o que pode, dentro de outros aspectos, estar relacionado a resistência cultural e institucional, por muitos educadores e gestores que ainda veem esses temas como secundários ou até mesmo desnecessários. Entretanto, a partir dos trechos das narrativas transcritos de LQ3, LQ4 e LQ7, pode-se considerar que a inserção das questões de gênero e sexualidade está em processo. O que corrobora com Cristino (2013) ao destacar a necessidade de atualização constante dos currículos para acompanhar as inovações científicas e pedagógicas.

4.6 SABER AGIR DIANTE DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA MINHA PRÁTICA DOCENTE

O saber agir diante de questões de gênero e sexualidade na minha prática docente foi identificada na narrativa de LQ4, conforme trecho transcrito:

Foi uma experiência que considerei muito importante para mim tanto como mulher cis e branca, quanto como futura docente, pois foi a partir dos relatos e das trocas que aconteciam em sala de aula que **pude conhecer e entender outros pontos de vistas, pude perceber quais atitudes tomar ou não frente a uma situação de preconceito e injustiça.** E, tendo em vista que a sala de aula está se tornando cada vez mais um ambiente diverso, questões como essas precisam ser levadas em consideração. (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ4) (Grifos nossos).

O saber como agir diante das questões de gênero e sexualidade na prática docente, ou seja, “[...] perceber quais atitudes tomar ou não [...]” (trecho da narrativa de LQ4) é uma das principais problemáticas nesta temática. Dentre das sete narrativas (auto)biográficas, apenas LQ4 vivenciou uma situação de preconceito e injustiça e pode perceber quais atitudes tomar ou não diante dela, embora não tenha explicitado a respectiva situação.

Esse resultado traz à tona quanto é preciso avançar com as discussões sobre gênero e sexualidade na formação dos futuros professores de Química. E isso pode ser conseguido por meio de um currículo escolar (e da formação de professores) que reflita a diversidade de iden-

tidades de gênero e orientações sexuais, combatendo estereótipos e preconceitos por meio da inclusão de conteúdos que representem positivamente pessoas LGBTQIA+ em diversas disciplinas (Santos, 2016).

4.7 COMO INSERIR QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE QUÍMICA

O como inserir questões de gênero e sexualidade no ensino de Química foi identificado na narrativa de LQ1, conforme evidenciado no trecho transcrito:

Contudo, no período em que fui monitor do espaço ciência que se enquadra numa modalidade de extensão para a UFRPE, a coordenação do museu organizou um momento tanto virtual quanto presencial no mês do orgulho, apresentando oficinas como atividades presenciais que abordassem experimentos e cientistas LGBTQI-APN+ tanto da área da química, quanto das ciências no geral, e essas oficinas tinham o objetivo de valorizar esses cientistas e fazer uma relação com conceitos científicos, sendo oficinas idealizadas por monitores LGBTQIAPN+. E como programação virtual, as histórias de vida e questões científicas desses cientistas eram publicadas no Instagram do museu. Portanto, professores de química e das ciências no geral **poderiam como programação didática, levar as turmas das escolas pra aprender a respeito dessas questões de gênero e sexualidade presentes na ciência, e como alguns cientistas LGBTQIAPN+ conhecidos, estão ligados a conceitos científicos que aprendemos nas aulas de ciências.** (Trecho da narrativa (auto)biográfica de LQ1) (Grifos nossos).

A experiência relatada na narrativa de LQ1 mostra que por meio das práticas de extensão, por exemplo, é possível realizar atividades inclusivas articulada ao conteúdo científico.

A experiência relatada na narrativa de LQ1 mostra que, por meio das práticas de extensão, por exemplo, é possível realizar atividades inclusivas articuladas aos conteúdos científicos. Portanto, o desenvolvimento de atividades que envolvam questões de gênero e sexualidade, conforme narrado por LQ1, é um dos meios para iniciar e inserir discussões sobre tais questões no meio escolar e/ou acadêmico.

Dentre das sete narrativas (auto)biográficas, apenas uma trouxe sua vivência sobre o como inserir as discussões sobre questões de gênero e sexualidade no ensino de ciências. Nessa perspectiva, vale destacar, segundo Broietti e Barreto (2011), que as mudanças curriculares na formação docente devem ser críticas e contextualizadas, reconhecendo que nem toda inovação conduz necessariamente a melhorias e que as transformações devem ser avaliadas cuidadosamente quanto aos seus impactos reais e desejáveis na educação.

Em síntese, a partir da análise das narrativas (auto)biográficas dos discentes da Licenciatura em Química, pode-se dizer que, enquanto instrumento de pesquisa, elas contribuíram

para a compreensão das experiências dos discentes sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico.

Os resultados reforçam a necessidade de reestruturações no curso de Licenciatura em Química, dos discentes que participaram desta pesquisa, quanto às questões de gênero e sexualidade, com vistas a uma educação inclusiva e à formação dos futuros professores de Química para saberem como agir e como abordar tais questões em suas vivências como estudantes e como profissionais no contexto escolar e acadêmico.

Adicionalmente, as narrativas (auto)biográficas dos discentes da Licenciatura em Química, enquanto instrumento de formação, podem ter contribuído para a formação inicial deles, dado que segundo Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p. 11):

o uso de narrativas autobiográficas ao proporcionar a entrada no universo mais subjetivo [...], possibilita-lhes uma melhor compreensão do que os move como indivíduos nos processos de sua constituição como pessoa e como cidadã nos mais diversos contextos educacionais [...]" (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016, p. 11).

Portanto, a formação do sujeito (no caso desta pesquisa, de professores de Química) está situada num determinado espaço-tempo, configurando que todo sujeito tem uma narrativa no seu processo formativo, e por meio das (re)interpretações, é possível entender que as narrativas são partes de quem somos (Ventura; Cruz, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas de discentes da Licenciatura em Química, suas experiências sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico.

Sobre as experiências dos discentes, relativas às questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico, suas narrativas (auto)biográficas evidenciaram experiências diversas.

Na perspectiva das experiências dos discentes, relatadas em suas narrativas (auto)biográficas, alguns resultados foram identificados: ausência da discussão sobre questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico; não saber agir, intolerância e/ou preconceito diante de questões de gênero e sexualidade por estudantes/professores no âmbito escolar e/ou acadêmico; desrespeito e bullying diante de questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico: respeito diante das questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico; contribuições de disciplinas/programas no âmbito esco-

lar/acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade; saber agir diante de questões de gênero e sexualidade na minha prática docente; e como inserir questões de gênero e sexualidade no ensino de Química.

Entre os resultados, estão aqueles que corroboram a necessidade de inclusão das discussões sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar e acadêmico, em especial no contexto da formação inicial dos professores de Química, participantes da pesquisa, como, por exemplo, o desrespeito e bullying diante de questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar e/ou acadêmico. Esses resultados corroboram déficits existentes na formação docente dos discentes que participaram desta pesquisa.

É a partir desses resultados que se destaca a necessidade de uma formação docente para uma educação inclusiva, como exige a BNC-FORMAÇÃO, com vistas ao compromisso com a educação integral dos professores em formação, para constituição de conhecimentos, de competências, de habilidades, de valores e de formas de conduta que respeitem e valorizem a diversidade, os direitos humanos, a democracia e a pluralidade de ideias [...] (Brasil, 2019).

Entretanto, entre os resultados, estão aqueles que revelam perspectivas que sinalizam possibilidades para a inserção de questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química, como, por exemplo, contribuições de disciplinas/programas no âmbito escolar/acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade.

Neste momento, peço licença ao rito acadêmico, para nos próximos dois parágrafos, vou me colocar na primeira pessoa do singular, porque quero socializar as dificuldades que eu experienciei para desenvolver essa pesquisa.

Uma primeira dificuldade encontrada foi a de não me sentir bem para falar sobre o tema com os discentes do meu curso no momento do convite para participarem da pesquisa, talvez por se tratar de uma temática pouco discutida durante a formação a nossa docente. Outra dificuldade foi referente ao fato de alguns discentes informarem que iriam participar da pesquisa, mas não responderam ao questionário. Uma percepção minha, e não necessariamente, uma dificuldade enfrentada na pesquisa, foi relativa a algumas pessoas dizerem que descredita que essas discussões sejam importantes para a formação.

Mas, para mim, esta pesquisa contribui de forma direta nas discussões sobre questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores de Química, uma vez que trouxe as experiências vivenciadas por discentes da LQ e evidenciou, a partir de seus resultados, o quanto a ausência destas questões na formação profissional pode dificultar a educação inclusiva. Além disso, considero que por meio de discussões e pesquisas, como essa que desenvol-

vi, são possibilitadas mudanças de pensamentos e posturas frente as questões sociais e educativas, em especial às questões de gênero e sexualidade.

Diante dos resultados desta pesquisa, outros aspectos poderiam constituir objetivos para pesquisas futuras, como, por exemplo, analisar a matriz curricular do curso da LQ, *locus* desta pesquisa, na perspectiva das questões de gênero e sexualidade, analisar o uso de questões sociocientíficas para a inserção de questões de gênero e sexualidade no ensino de Química, dentre outras diversas possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bernardo Matos. **Contributo da cidadania e desenvolvimento na promoção da inclusão: questões de género e sexualidade**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

ANDRADE, C. S.; MASSENA, P. Narrativas autobiográficas de licenciandos(as) em Química: motivações e o curso de Licenciatura. **Educação Química em Ponto de Vista**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2020 DOI:10.30705/eqpv.v3i2.1974. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/eqpv/article/view/1974> Acesso em: 18 ago. 2023.

ANDRADE, F. C. S. **Narrativas autobiográficas de licenciandos/as em química/UESC: motivações para a escolha da profissão docente**. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Química Licenciatura, Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

BORGES, Lenise Santana et al. Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, p. 730-745, 2013.

BRASIL. (2018). RESOLUÇÃO Nº 3, DE 21 DE NOVEMBRO DE 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>> Acesso em ago. 2024.

BRASIL. (2019). RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>> Acesso em jul. 2023.

BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias; BARRETO, Sônia Regina Giancoli. Formação inicial de professores de química: a utilização dos relatórios de observação de aulas como instrumentos de pesquisa. **Semina: Ciências Exatas e Tecnológicas**, 2011, 32.2: 181-190.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: A questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal; DE SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017.

CHRISTINO, Verônica Caldeira Leite. **A formação inicial de professores de química e o exercício da docência na escola: que discursos estão em jogo?** 2013. Master's Thesis. Universidade Federal de Pelotas.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. 2018.

CORDEIRO, Thamires Luana; DOS SANTOS, Eliane Gonçalves. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. 3, p. e22079-e22079, 2022.

CORRÊA, Roberta Guimarães. Formação inicial de professores de química: discursos, saberes e práticas. 2015.

COSTA, Brenda Capinã Botelho. Apontamentos sobre o conceito de gênero e suas articulações com o direito. **Revista Acadêmica Escola Superior do Ministério Público do Ceará**, v. 12, n. 2, p. 265-286, 2020.

COSTA, Mateus Henrique da. **Os sentidos de gênero e sexualidade no currículo do curso de Química-Licenciatura CAA-UFPE**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

COSTA, Mércia Cristine Magalhães Pinheiro. **Educação entre pares na Orientação Sexual de adolescentes e jovens: possibilidades e limitações**. 2017. Master's Thesis. Instituto Politécnico de Santarém (Portugal).

CRUZ COUTINHO, Catiane; RIBEIRO, Daniel Pereira Lins; DA MATA MARTINS, Milta Mariane. Formação inicial de professores de Química: uma análise da perspectiva dos licenciandos sobre as implicações do Ensino Remoto Emergencial (ERE). **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, 2022, 18.41: 204-219.

Cunha, M. I. (1997). Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação** Acesso em 15 jul. 2023, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010#back

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. Educação e sociedade. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, v. 27, p. 449-454, 2019.

FARIAS, M. J. A.; SOUZA, A. L. de. Desenhando experiências com o brincar: narrativas autobiográficas de professores de Educação Física em Formação inicial. **Horizontes**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. e023022, 2023. DOI: 10.24933/horizontes.v41i1.1545. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1545> . Acesso em: 05 ago. 2023.

FIRME, R. do N. Narrativas (Auto)Biográficas como Instrumento de Formação Docente de Licenciandos e Licenciandas do PIBID/QUÍMICA/UFRPE. **Revista Debates em Ensino de Química**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 70–82, 2023. DOI: 10.53003/redequim.v9i2.5204. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/5204> . Acesso em: 25 ago. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

FREITAS, Denise de; GALVAO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 219-233, nov. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300021&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 maio 2024.

FREITAS, Maria Teresa Menezes; FIORENTINI, Dario. **As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática**. Revista Horizontes, v. 25, n. 1, p. 63-71, 2007.

FREITAS, Milena de Bem Zavanella; DE SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. Gênero, sexualidade e educação física: formação e prática docente. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 4, n. 3, p. 217-230, 2020.

GAUCHE, Ricardo, et al. Formação de professores de química: concepções e proposições. **Química Nova na Escola**, 2008, 27.1: 26-29.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

GROSS, Jacson. A problemática da questão de gênero e sexualidade no ensino médio e fundamental: uma abordagem teórica. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, v. 5, n. 6, p. 1137-1155, 2019.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Editora Oikos, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero. 2021.

KUEHLEWEIN, Isabelle; DE FARIA, Fernanda Luiza; NOGUEIRA, Keysy Solange Costa. Um Estudo Sobre Gênero e Sexualidade no Ensino de Química: A Study on Gender and Sexuality in Chemistry Teaching. **Revista Virtual de Química**, v. 15, n. 6, 2023.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, 2002, pp. 20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> Epub 19 abr. 2011. ISSN 1809-449X.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Genesis and early developments of the concept of gender. **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 3, p. 409-425, 2018.

LOPES, Adriana Maria; SILVA, Renata Pereira Costa. Construção de cartilha educativa: sexualidade na terceira idade. **Revista Diálogos Acadêmicos**, 2013, 2.2.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero? **Sociedade e Estado**, v. 21, p. 711-724, 2006.

LUCIFORA, Cristiane de Assis et al. Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, 2019.

MACEDO, J. C. P.; LOPES, N. C. As discussões de gênero como uma controvérsia sociocientífica no ensino de química. **Scientia Naturalis**, v. 4, n. 1, p. 131-147, 2022. Sulp. 1. DOI 10.29327/269504.4.1-10. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/269504.4.1-10>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Psicopedagogia on line**, 2010.

MARIN, Y. A. O. Percepções de professores de química em formação, sobre assuntos de gênero e sexualidade e as possibilidades de abordá-los no ensino de química. **Scientia Naturalis**, v. 1, n. 2, p. 130-143, 2019.

MARIN, Yonier Alexander Orozco; OLIVEIRA, Maíra Caroline Defendi. Problematizando as relações entre química-biologia e questões de gênero: Possibilidades e desafios na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 5, n. 2, p. 19-38, 2019.

MARQUES, Stela; OLIVEIRA, Thiago. **Educação, ensino e docência, reflexões e perspectivas**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul. v. 24. n. 3. p. 189-211, set/dez. 2016. DOI: 10.17058/rea.v24i3.7346

MARTINS, V. A. R. **Como projetos de Lei intitulados “Escola sem partido” podem impactar no ensino crítico de química**. 2016. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto de Química, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MATTOS, Amália Ivine Santana. Desigualdades de gênero: uma revisão narrativa. **Saúde.com**, v. 11, n. 3, p. 266-279, 2015.

MELO CARDOSO, Helma. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 1, p. 8, 2018.

MENEZES, Heitor Levi Alves. **Química e direitos humanos: um caminho para combater a transfobia**. 2022.

NEVES FIGUEIROA, Maria et al. A formação relacionada com a sexualidade humana na percepção de estudantes de enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 15, p. 21-30, 2017.

NOGUEIRA, Keysy SC; ORLANDI, Renata; CERQUEIRA, Bruno RS. Estado da arte: gênero e sexualidade no contexto do ensino de química. **Química Nova na Escola**, v. 43, n. 3, 2021.

PAULA, Guilherme Gutemberg Barbosa de. **Um estudo das representações sociais de professores LGBTQIAPN+ sobre a escola**. 2023.

PASSEGGI, M. C. et al. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, pp. 369-386, 2011.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PENA, Andreia Lelis. Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais. 2015. PEREIRA, R. Y. R.; NUNES, J. B. M.; FERNANDES, A. C. **O construir-se educador de química: uso de narrativa (auto)biográfica na compreensão do movimento formativo vividos com práticas antecipadas em diferentes contextos de ensino**. 2022. 23 f. Universidade federal do Pará. Pará.

PEREIRA, Mara Dantas; PEREIRA, Míria Dantas; FELDENS, Dinamara Garcia. QUES-TÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM SUA DIMENSÃO PRAGMÁTICA COM A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE. **Interfaces Científicas - Humanas e Soci-**

ais, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 6–16, 2021. DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p6-16. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/8999>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Edição. Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil: Feevale, 2013.

RIBEIRO, GAM; THIENGO, E. R. Discutindo gênero e sexualidade na escola: um guia didático-pedagógico para professores. **Vitória: IFES**, 2010.

RIOS, Pedro Paulo Souza; BARROS, Edonilce Rocha; VIEIRA, André Ricardo Lucas. Narrativas de vida e formação de professores gays:(auto) biográficas acerca do estranho que habita em mim. **Educação UFSM**, 2017, 42.1: 227-239.

ROCHA, R. N; SÁ, L. P. Trajetórias de vida e desenvolvimento profissional docente de professores de química. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 18, n. 1, 2019.

SÁ, L. P. Narrativas autobiográficas de estudantes de química: reflexões sobre a atividade docente. **Revista electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2009. Acesso em 18 ago. 2023.

SANTANA, Leidiane Fernanda Barbosa de. Gênero e sexualidade na escola: reflexões de uma pedagoga em formação. 2019.

SANTOS, Estefane Souza; ARAGÃO, Rony Almeida; BIZERRA, Ayla Márcia Cordeiro. **FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE QUÍMICA: REFLEXÕES A PARTIR DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS LICENCIANDOS DO IFRN**. Holos, v. 6, 2022.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalves. **As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica**. 2016.

SANTOS, Thiago Barbosa; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. “É preciso estarmos atentos e fortes”: conhecendo gênero e performatizando sexualidade nos estudos dos encontros nacionais no ensino de química. **Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática**, v, 2, n. 2, pp. 147-168, 2022.

SILVA, Denise Regina Quaresma da; COSTA, Zuleika Leonora Schmidt; MÜLLER, Márcia Beatriz Cerutti. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 49-58, 2018.

SILVA, D. G. R.; MIRANDA, M. H. G. de; SÁ, R. A. Química além do átomo: concepções de graduandos em química sobre gênero e sexualidade. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 18, n. 52, p. 378–401, 2020. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/5764> Acesso em: 1 jul. 2024.

SILVA, J. E. do N. Modos de fazer da pesquisa acadêmica: descrição de uma experiência em análise de materiais didáticos de língua italiana. **Cadernos Neolatinos**, v. 1 n. 2, 2016.

SOUZA, Ludymila Nascimento de. **Narrativas de vida**: subjetividades LGBTQIA+ de estudantes de Ciências Sociais. 2022.

SOUZA, Marcos Lopes de; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-vista**, v. 26, n. 1, p. 40-59, 2019.

SOUZA, Paulo Roberto Lima de et al. Formação inicial de professores de química: uma reflexão pedagógica do fazer docente. **Blucher Chemistry Proceedings**, 2015, 3.1: 121-129.

SOUZA, M. G. da S.; CABRAL, C. L. de O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2015. DOI:

10.24933/horizontes.v33i2.149. Disponível em:

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149> Acesso em: 9 out. 2024.

SUART, Rita de Cássia. **Formação inicial de professores de química: o processo de reflexão orientada visando o desenvolvimento de práticas educativas no ensino médio**. 2016. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan. 2019.

Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2019000100426&lng=pt&nrm=iso)

416X2019000100426&lng=pt&nrm=iso. acessos em 15 ago. 2023. Epub 04-Fev-2020.

<https://doi.org/10.7213/1981-416x.19.060.ao06>.

VETORAZO, Francisca Helena Gonçalves; SAMPAIO, Helena. Gênero e sexualidades no ensino médio: enfrentamentos e negociações. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 15, n. 32, p. 223-240, 2020.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta monografia intitula-se de “**QUESTÕES DE GÊNERO NA LICENCIATURA EM QUÍMICA UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE LICENCIANDOS**”, está sendo desenvolvida pelo estudante David Filipe Nascimento da Silva, do Curso de Licenciatura em Química na Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação da professora Dra. Ruth do Nascimento Firme. O objetivo geral dessa pesquisa é analisar concepções, experiências e ações de licenciandos e licenciandas em Química sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico expressas em suas narrativas (auto) biográficas. e os objetivos específicos são de identificar as concepções de licenciandos e licenciandas em química sobre questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico, analisar as experiências vividas por licenciandos e licenciandas em química em questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico e caracterizar ações de licenciandos e licenciandas em química para questões de gênero e sexualidade no contexto escolar/acadêmico.

A participação do(a) participante é voluntária. A pesquisa será realizada através do formulário no *google forms*, que será utilizado como instrumentos de coleta de dados na pesquisa.

Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos estudantes participantes da pesquisa será mantido em sigilo.

O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento que se considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Declaro que estou ciente e dou meu consentimento para a realização da pesquisa e para a publicação dos resultados mantendo o anonimato.

Estou ciente de que receberei uma cópia desse documento.

Recife - PE, de abril de 2024.

Discente - Telefone ().

Pesquisador (David Filipe Nascimento da Silva)

Prof^a. Orientadora (Ruth Nascimento Firme)

ANEXO B – NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DOS DISCENTES COPIADAS INTEGRALMENTE DOS FORMULÁRIOS (GOOGLE FORMS)**LQ1**

Até o momento eu não vivenciei questões relacionadas ao gênero e sexualidade como estagiário nas escolas, principalmente numa aula de química. Contudo, no período em que fui monitor do espaço ciência que se enquadra numa modalidade de extensão para a UFRPE, a coordenação do museu organizou um momento tanto virtual quanto presencial no mês do orgulho, apresentando oficinas como atividades presenciais que abordassem experimentos e cientistas LGBTQIAPN+ tanto da área da química, quanto das ciências no geral, e essas oficinas tinham o objetivo de valorizar esses cientistas e fazer uma relação com conceitos científicos, sendo oficinas idealizadas por monitores LGBTQIAPN+. E como programação virtual, as histórias de vida e questões científicas desses cientistas eram publicadas no Instagram do museu. Portanto, professores de química e das ciências no geral poderiam como programação didática, levar as turmas das escolas pra aprender a respeito dessas questões de gênero e sexualidade presentes na ciência, e como alguns cientistas LGBTQIAPN+ conhecidos, estão ligados a conceitos científicos que aprendemos nas aulas de ciências.

LQ2

Já presenciei tanto no ambiente universitário quanto no ambiente escolar momentos em que figuras docentes não souberam agir diante de questões de gênero e sexualidade dos alunos, seja com o erro do pronome que é o mais comum de se acontecer nos espaços acadêmico e escolar ou com a intolerância e o preconceito que infelizmente são percebidos ainda hoje. As situações que presenciei no ambiente escolar costumavam ser abafadas pela coordenação escolar por receio de repercussão negativa. Já as situações no âmbito universitário, que eu já presenciei, foram resolvidas com o diálogo.

LQ3

Era uma vez, um garoto que sempre foi muito introvertido e tímido desde criança, os motivos por trás dessa timidez e reclusão vão desde pais super protetores e conservadores e a questões como ansiedade e baixa autoestima. Nas escolas desde os períodos iniciais o garoto sempre se dedicou aos estudos, uma forma de se proteger de algo, sociedade, crianças, conversas, talvez. Durante o período do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, 2007 a 2010, período que cursou numa escola da zona rural da cidade de Itambé, interior de Pernambuco, o garoto não sabia muito sobre questões de gênero e sexualidade, devido ao ambiente que fora criado e ao fato de não ter tido esse tipo de discussão na escola. Ao ingressar no 6º ano do ensino fundamental, ano de 2011, o garoto mudou de escola para a zona urbana da mesma cidade, ao entrar na escola o garoto se viu em meio a uma sala de aula cheia de pessoas que não conhecia, o que o fez se fechar ainda mais. Nos primeiros meses de aula o garoto percebeu estar em um ambiente hostil onde sofria bullying, de diferentes alunos, o bullying não era praticado por apenas um estudante ou por algum motivo específico, alunos faziam "brincadeiras aleatórias" com diversos outros alunos, até então, o garoto já se via como alguém "anormal", sabia que era diferente dos outros meninos de sua idade. Ao terminar o ensino fundamental, ano 2014, o garoto também não teve experiências e oportunidades para discutir questões de gênero e sexualidade, contudo, ao finalizar essa etapa de sua vida o garoto já se identificava como homossexual, porém nunca disse a ninguém por medo de sofrer algum tipo de preconceito motivado, o ano era 2014 e nessa época ataques e conteúdos homofóbicos eram muito comuns na internet, isso também corroborou para que o garoto não se comunicasse sobre. Ao ingressar no ensino médio em 2015, o garoto passou a ter aulas de disciplinas mais específicas como química e biologia, sua primeira professora de química, que também era a professora de biologia, no primeiro dia de aula fez uma dinâmica para falar sobre sexualidade, ela solicitou que todos os alunos escrevessem dúvidas em um pedaço de papel, anonimamente, e entregasse a ela, a professora em seguida começou a responder as dúvidas uma por uma, esse foi o primeiro momento que o garoto pode escutar orientações e esclarecimentos sobre questões de gênero e sexualidade. Durante os meses seguintes, o garoto começou a sofrer bullying de outros garotos, esse bullying era diferente do que vivenciou no ensino fundamental, eram "brincadeiras" destinadas especificamente ao fato do garoto ser diferente. O garoto de início ficou abatido, contudo, se voltou aos estudos, o que era algo que gostava de fazer e sabia que era uma zona de conforto. No segundo ano, ano de 2016, o garoto se mudou e foi morar com uma tia na capital do estado, nesse período e durante o 3º ano, ano de 2017, do ensino médio o garoto não participou e vivenciou nenhum outro tipo de atividade ou discussão sobre questões de gêneros e sexualidade. Ao ingressar na universidade, o garoto entrou com uma

visão e objetivo de ser um professor como a primeira professora de química que ele teve, a mesma que sempre discutia diversos tipos de questões, a mesma que foi o primeiro contato sobre questões de gênero e sexualidade, o que o ajudou a entender um pouco sobre quem ele era. Durante a universidade o garoto, não teve muitas oportunidades para discutir essas questões num ambiente formal, numa aula com participação de algum docente. Durante o período de estágio supervisionado o garoto não vivenciou e nem teve oportunidades para discutir questões de gênero e sexualidade, contudo ele percebeu que a escola e alunos de hoje em dia possuem menos preconceitos e um maior conhecimento sobre o assunto, algo que ele observou durante as idas a escola e durante a realização das atividades do estágio. O garoto notara ainda que mesmo agora numa era de mais informação e com menos preconceitos, ainda existe uma parcela de alunos que persistem na ignorância e continuam a espalhar preconceitos. Para além disso, durante a sua graduação o garoto não teve grandes oportunidades para discutir questões como essas, e nem foi estimulado a realizar algum tipo de atividade sobre questões de gênero e sexualidade, discussões como essa foram realizadas entre o garoto e seus colegas na universidade em espaços coletivos de lideranças estudantis como o Diretório acadêmico e a UEP Cândido Pinto. Contudo o garoto sabe que discussões como essa são importantes para diminuir problemas da sociedade, tais como homofobia e machismo, além disso o garoto acha importante a existência desse tipo de discussão, para que a sociedade futura consiga ser melhor, em questões como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, aborto, e questões que ainda são um problema na sociedade devido a permanência da desinformação e do preconceito.

LQ4

Durante minha trajetória como estudante poucas foram as vezes em que as questões de gênero e sexualidade foram pauta de discussão. Enquanto aluna do Ensino Médio, a única experiência sobre a questão de gênero que me recordo, é quando estava estagiando no CETENE, que é um centro de pesquisa dentro do CRCN. Lá existe um programa chamado de "Futuras Cientistas", que é um programa voltado para as mulheres que estão no Ensino Médio da rede pública, e que tem por finalidade o ingresso de mulheres na ciência. A ideia do programa é fazer com que essas alunas da rede pública (que provavelmente nunca foram a um laboratório), tenham a possibilidade de conhecer um laboratório de pesquisa e se interessar pela carreira de pesquisador. No que se refere a minha vivência enquanto discente do curso de licen-

ciatura, outro momento que tive discussão de gênero, e agora, sexualidade, foi quando cursei a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Nessa disciplina a professora estava sempre trazendo à tona questões de gênero, sexualidade, raciais, religiosas, entre outras. Foi uma experiência que considerei muito importante para mim tanto como mulher cis e branca, quanto como futura docente, pois foi a partir dos relatos e das trocas que aconteciam em sala de aula que pude conhecer e entender outros pontos de vistas, pude perceber quais atitudes tomar ou não frente a uma situação de preconceito e injustiça. E, tendo em vista que a sala de aula está se tornando cada vez mais um ambiente diverso, questões como essas precisam ser levadas em consideração.

LQ5

Por ser uma travesti, sempre tive que me impor e solicitar respeito nos lugares no qual ocupo. No âmbito educacional, uma das minhas maiores surpresas foi em 2023, quando estava aplicando um projeto para a disciplina de Estágio 2, na escola que estudei meu ensino fundamental todo para turmas de 7º ano. E nesse contexto onde tínhamos ali estudantes na faixa de 10-12 anos e eles foram extremamente compreensivos e acolhedores e nunca fui desrespeitada. E por isso a surpresa, eu estou ocupando espaço numa escola pública com estudantes que nunca me viram. Diferentemente de situações que vivencio na universidade onde o desrespeito de pronome vai de professores a estudante da instituição.

LQ6

Uma experiência minha com o assunto gênero ocorreu em um antigo trabalho, numa escola, onde eu fui professora de reforço para alunos do integral do 1º ao 5º ano. Precisei sair e perguntaram se eu teria alguém para indicar e eu logo sugerir um colega de curso, mas por ele ser homem, não aceitaram a sugestão alegando que não era favorável a vaga, uma vez que era para alunos menores e professor homem não tem o jeito adequado. Outro fator sobre gênero, agora feminino, é a pouca representatividade da mulher na ciência. Se perguntarem a alunos do ensino médio alguma mulher conhecida na ciência, a resposta seria unânime: Marie Curie. Falta mostrar mais mulheres, atuações e as áreas dentro da ciência que elas ocupam. Em relação a sexualidade e a comunidade LGBTQIA+, a escola onde estudei optavam por passar vista grossas para alunos dessa comunidade, e ao chegar ao ensino superior fui impac-

tada pelo acolhimento e as pautas que levantam em prol dessa comunidade. Ao lecionar no Programa de Residência Pedagógica, vi e pude conviver com alunas trans, mas ainda não vi aulas ou discussões levantadas a cerca disso e confesso que também não fiz e não pensei em que forma levantar essa discussão em uma aula de química. A gente estuda como trabalhar questões étnicas, raciais, mas em relação a sexualidade não.

LQ7

Então, na vivência dentro da academia, eu nunca tive contanto com nenhuma cadeira obrigatória que discutisse sobre gênero e sexualidade, um absurdo, visto que hoje se faz tão necessário. Mesmo as eletivas que paguei, não tocam nesses assuntos de forma aprofundada, mostrando assim um déficit na antiga grade do curso de química, como iremos lidar de forma apropriado com as diversas situações que podem acontecer em sala de aula, se não recebemos formação para tal? Claro que, estudamos por conta própria, para aprender a tratar todos com o máximo de respeito. Ainda bem que, a nova grade já tem, acho que desde os primeiros períodos, algumas cadeiras que tocam nesses assuntos.